

JAVIER CERCAS

O LOUCO DE DEUS NO FIM DO MUNDO

Tradução de Helena Pitta

Índice

Para Blanca Mena Martínez, com toda a certeza
Para Raül Cercas e Mercè Mas

À procura de Bergoglio.....	13
Os soldados de Bergoglio	83
O segredo de Bergoglio	353
Epílogo	439
<i>Nota do Autor</i>	443

Para lá da derrota, há uma vitória sobre a qual
o triunfador nada sabe.

WILLIAM FAULKNER

Sou ateu. Sou anticlerical. Sou um laicista militante, um racionalista obstinado, um ímpio inveterado. Mas aqui estou, viajando em direção à Mongólia com o velho vigário de Cristo na Terra, disposto a interrogá-lo acerca da ressurreição da carne e da vida eterna. Foi para isso que embarquei neste avião: para perguntar ao Papa Francisco se a minha mãe verá o meu pai depois da morte e para lhe levar a sua resposta. Eis um louco sem Deus perseguindo o louco de Deus até ao fim do mundo.

À PROCURA DE BERGOGLIO

Please allow me to introduce myself.

THE ROLLING STONES

Tudo começou em Turim, a 21 de maio de 2023. Nessa tarde, autografava exemplares do meu livro no Salone del Libro, que se celebra anualmente na cidade, depois de ter passado uma hora a falar em público sobre o raio da figura do intelectual, quando a minha editora italiana me avisou de que um representante do Vaticano gostaria de falar comigo. «Do Vaticano?», perguntei, admirado. A minha editora encolheu os ombros e apontou para um homem que esperava atrás dela. De repente lembrei-me.

Duas semanas antes, tinha recebido um telefonema de um número privado e, levado pela minha inclinação pela roleta russa, atendi. Uma voz cavernosa soou no telemóvel. Disse que ligava do Vaticano, apresentou-se como representante do Dicastério para a Cultura e Educação da Santa Sé, explicou que a 23 de junho se celebrariam os cinquenta anos da abertura da coleção de Arte Moderna e Contemporânea nos Museus do Vaticano e que, para comemorar a efeméride, o Papa Francisco desejava reunir uma mão-cheia de criadores na Capela Sistina. Cresci num país católico, numa família católica e num colégio católico, de modo que, por mais descrente que seja, um convite semelhante é praticamente irresistível; mas, enquanto a voz do além do representante do Vaticano continuava a ouvir-se no meu telemóvel e eu folheava a minha agenda, pensei que lhe ia resistir. Achei excessivo viajar até Roma só para ouvir algumas palavras do Papa Francisco. Já tinha a negativa na ponta da língua quando – oh, milagre! – descobri na minha agenda que nesse mesmo dia 23 de junho teria de apanhar o avião para Roma a caminho de Pescara.

Derrotado pela coincidência, garanti ao emissário do Vaticano que faria o possível para assistir à reunião com o papa e, ato contínuo, escrevi para a minha editora italiana pedindo-lhe que antecipasse o meu voo para Roma para o dia 22, de forma a poder participar na receção papal na manhã de 23, antes de viajar até Pescara. De modo que naquela tarde, no Salone del Libro de Turim, pensei que o homem do Vaticano queria falar sobre o encontro com o papa na Capela Sistina.

Engano. O homem chamava-se Lorenzo Fazzini, apresentou-se como responsável pela Libreria Editrice Vaticana (LEV), a editora da Santa Sé, e atirou-me à queima-roupa que o Papa Francisco se deslocava no fim de agosto à Mongólia e que, no Vaticano, tinham pensado em mim para que escrevesse um livro sobre a viagem, o papa, a Igreja, o Vaticano, sobre o que quisesse. Por instantes, achei que era uma piada. Olhei para o tipo: não era uma piada. Mais tarde, Fazzini contar-me-ia que a minha primeira reação à sua proposta foi dizer-lhe: «Mas, oiça, vocês enlouqueceram ou quê?» A verdade é que não me lembro. Do que me lembro é que, assim que me consegui repor da surpresa, lhe fiz uma pergunta semelhante:

– Mas, oiça, não sabem que sou um tipo perigoso?

Fazzini sorriu. Era um homem de meia-idade, corpulento e de óculos; não parecia um sacerdote – e não era –, mas vestia-se integralmente de preto e tinha um ar atribulado de executivo e um aspeto montanhês. No seu sorriso havia uma sombra de troça – «Não me venhas com essas tretas», dizia, ou «A mim não me enganas, rapaz» –, e soube imediatamente que eu e aquele homenzarrão nos conseguiríamos entender.

– Não propomos isto a qualquer um – avisou-me Fazzini, em jeito de resposta. – De facto, que eu saiba, será a primeira vez que alguém escreve um livro destes, sobre uma viagem do papa, a primeira vez que o Vaticano abre as suas portas a um escritor para que fale com quem quiser e pergunte o que quiser. Acredite, informámo-nos a seu respeito.

Conversámos durante vinte minutos. Fazzini explicou-me que no Vaticano sabiam que eu não era crente e que, justamente por isso, me propunham escrever o livro. Não queriam que fosse um dos seus

a fazê-lo; apressou-se a acrescentar que eu disporia, evidentemente, de liberdade total, que, na realidade, o livro não era uma encomenda do Vaticano, que só me possibilitavam escrevê-lo, que nem sequer pretendiam publicá-lo na sua editora, que poderia publicá-lo onde quisesse, como quisesse e quando quisesse, que eles se limitariam a garantir-me todas as facilidades, que o seu objetivo não era propagandístico nem económico... Eu ouvia-o, atónito, e, a dada altura, perguntei-lhe se, caso aceitasse escrever o livro, poderia falar a sós com o papa. Fazzini respondeu-me que, naquele momento, não o podia confirmar, reconheceu que o livro era um projeto do Dicastério para a Comunicação, o ministério de comunicação do Vaticano, que a ideia viera do seu chefe e prefeito desse organismo, Paolo Ruffini, e que o papa ainda nem dera autorização para o levar a cabo.

– Não te preocupes – disse Fazzini. – Se o papa aceitar a ideia, faremos o possível para que possas falar com ele.

Insistiu depois na excecionalidade da viagem. «Francisco não visitou os grandes países católicos, mas vai à Mongólia, um país budista com pouco mais de três milhões de habitantes e apenas quinhentos católicos», comentou. «Este papa quer ir aonde ninguém quer ir, ao local mais remoto e difícil.» Fazzini pediu-me para não me sentir pressionado, mas para avaliar a proposta. Finalmente, combinou que dentro de uns dias («Sei que estarás na alocução do papa aos artistas, na Capela Sistina; também lá estarei») voltaríamos a falar no assunto.

Nessa noite não preguei olho. Às voltas na cama do meu hotel de Turim, pensava: «Primeiro, o representante do Vaticano com aquela voz sepulcral ao telefone e a coincidência providencial entre a minha viagem a Pescara e o encontro com o papa na Capela Sistina. E agora o enviado do Vaticano e a proposta do livro sobre o papa.» Pensei em Bob Dylan, que se converteu ao cristianismo e que, para grande indignação dos *dylanófilos*, cantou para João Paulo II. «Se eu fosse Dylan», pensei, «aceitaria imediatamente a proposta». Pensei em Johann Sebastian Bach, que só compunha para o Senhor e cuja música dificilmente podemos ouvir sem sentirmos um desejo irremediável de acreditar em Deus. «Se eu fosse Bach», pensei, «aceitaria imediatamente». E continuei pensando: «Se pelas minhas veias corresse uma única gota do sangue de Bach, se a minha carne contivesse

um único átomo da carne genial de Bach, sentiria que Deus me está a chamar.» Aquele pensamento devolveu-me uma experiência mística. Aconteceu uma manhã, numa estação de metro de Barcelona. Era hora de ponta, na carruagem estava um calor atroz, para me evadir daquela tortura liguei a música do meu telemóvel e o acaso escolheu a celeberrima *Cantata BWV 147: X*, intitulada «Jesus, alegria dos homens». Nessa altura, assim que essa música inumana começou a ouvir-se nos meus auriculares, tive a certeza de que ia abrir-se o firmamento, de que ia aparecer Deus Nosso Senhor, levando pelos ares aquele pedregulho a abarrotar de desgraçados enquanto o seu divino vozeirão troava (bastante chateado, por sinal): «Com que então não existo, hã, cabrões? Pois estou aqui, com barba e tudo. Vão-se lixar, acabou-se a farsa: todos para o Paraíso! Tu também, Javierito, não te escondas, bicharoco repugnante e mata-padres! Ia atirar-te de cabeça para o Inferno dos condenados, com Walt Disney e Jack, o Estripador, mas aqui o meu amigo Johann Sebastian intercedeu por ti [nessa altura, Bach aparecia ao lado do Redentor, obeso e com a sua peruca empoada, junto das suas duas mulheres e dos seus vinte filhos, acenando-me com uma mãozinha rechonchuda]. Tiveste uma sorte do caracas!» Foi nesse momento, depois de recordar aquela visão salvífica, que me lembrei da minha mãe viva e do meu pai morto, ambos católicos ferrenhos, lembrei-me de que, desde a morte do meu pai, a minha mãe não parava de repetir que se encontraria com ele depois de morrer, e disse para comigo que, se conseguisse ficar uns minutos a sós com o papa e falar-lhe da ressurreição da carne e da vida eterna e perguntar-lhe se realmente a minha mãe voltaria a ver o meu pai, então fazia todo o sentido escrever aquele livro. Acordado por este pensamento, levantei-me para contemplar o amanhecer em Turim.

É assim tão raro o papa viajar até ao fim do mundo? É assim tão estranho visitar um país da periferia ou do que costumamos chamar periferia? Um país da nossa periferia religiosa, porque a Mongólia é uma sociedade com uma esmagadora maioria budista e uma pequeníssima minoria católica, mas também da nossa periferia política e geográfica, porque a Mongólia é um país distante dos grandes centros de poder e carente de relevância política, económica ou geoestratégica, exceto pelo facto de estar entalado entre dois impérios, o russo e o chinês, que durante séculos a disputaram?

A primeira vez que o Papa Francisco saiu de Roma foi para visitar a ilha de Lampedusa. Pouco depois de ser eleito o 266.º Sumo Pontífice da Igreja Católica, às sete e cinco da tarde do dia 13 de março de 2013, num conclave que se prolongou por pouco mais de vinte e quatro horas e exigiu cinco votações aos membros do Colégio Cardinalício, o papa leu num jornal que, na década anterior, as praias daquele pedaço de terra italiana receberam muitos dos mais de vinte e cinco mil cadáveres de migrantes, que, vindos das costas africanas, morreram ao tentar atravessar o Mediterrâneo, fugindo da fome, da miséria e das guerras. A 8 de julho, quatro meses depois, Francisco celebrou uma eucaristia para uma multidão no estádio desportivo da ilha e, dirigindo-se aos presentes a partir de um altar construído com a madeira de uma das balsas naufragadas e segurando o solidéu com uma das mãos para que o vento não o levasse, perguntou: «Quem é o responsável por este sangue?» Depois denunciou aquilo a que chamou «cultura do bem-estar, que nos leva a pensar só em nós, tornando-nos

insensíveis ao grito dos outros», alertou contra a «globalização da indiferença» e pediu «a graça de chorar pela crueldade do mundo, pela nossa própria crueldade e também pela crueldade daqueles que, anonimamente, tomam decisões que provocam dramas como este».

Aquela foi uma completa declaração de princípios: o primeiro papa latino-americano, o primeiro papa chamado Francisco, o primeiro papa jesuíta começava o seu mandato denunciando, *urbi et orbi*, os desmandos cometidos pelos ricos e poderosos contra os pobres e indefesos. «Não penseis que vim trazer a paz à Terra»¹, disse Jesus Cristo, e o papa teria podido repeti-lo naquela viagem inaugural: além de uma declaração de princípios, o discurso de Lampedusa era uma declaração de intenções.

Foi essa a sua primeira viagem; mais uma vez, quão estranho é isto?

Em maio de 2023, concluídos os seus dez primeiros anos de pontificado, Francisco tinha feito quarenta e uma visitas apostólicas a cinquenta e nove países; não é um número excecional. Paulo VI, na segunda metade do século xx, foi o primeiro pontífice a sair de Itália desde 1809, mas só visitou nove países. Os papas posteriores foram, todos eles, grandes viajantes: durante os seus vinte e cinco anos de papado, João Paulo II visitou cento e vinte e nove países; durante os seus oito anos de papado, Bento XVI visitou vinte e três. No caso de Francisco, o que chama a atenção não é o número de países, mas o seu nome. Por ordem cronológica: Brasil, Turquia, França, Albânia, Coreia do Sul, Jordânia, Palestina e Israel, Uganda e República Centro-Africana, Quênia, Cuba e Estados Unidos, Equador, Bolívia e Paraguai, Bósnia-Herzegovina, Sri Lanka e Filipinas, Suécia, Geórgia e Azerbaijão, Polónia, Arménia, Grécia (Lesbos), México, Mianmar e Bangladeche, Colômbia, Portugal, Egito, países bálticos, Irlanda, Suíça, Chile e Peru, Tailândia e Japão, Moçambique, Madagáscar e Maurícias, Roménia, Bulgária e Macedónia do Norte, Marrocos, Emirados Árabes Unidos, Panamá, Chipre e Grécia, Hungria e Eslováquia, Iraque, Barém, Cazaquistão, Canadá, Malta, Congo e Sudão

¹ Para esta como para todas as restantes citações bíblicas constantes no texto, recorreu-se a *Bíblia Sagrada*, Difusora Bíblica, Franciscanos Capuchinhos, 2014. (*N. da T.*)

do Sul, Hungria. Um facto chama imediatamente a atenção nesta lista bizarra: a escassez de países centrais na cosmovisão ocidental; a abundância de países que, por razões diversas, costumamos considerar periféricos.

O facto é eloquente: o conceito de «periferia» é capital no pensamento de Francisco. A 9 de março de 2013, num discurso feito perante os cardeais durante as reuniões preparatórias do conclave, quatro dias antes de o elegerem papa, Francisco afirmou que «a Igreja é chamada a sair de si mesma e a ir para as periferias, não só as geográficas, mas também as existenciais: as do pecado, as da dor, as da injustiça, as da ignorância e prescindência religiosa, as do pensamento, as de toda a miséria». A essas duas periferias, a geográfica – os centros afastados da metrópole – e a religiosa – os lugares onde Deus é um Deus ausente, um *Deus absconditus* –, Francisco acrescentará ainda uma terceira: a periferia social, o lugar dos deserdados da terra. Essa tripla periferia é o núcleo da Igreja de Francisco. «Se a Igreja se desinteressa pelos pobres», afirmou em 2020, «deixa de ser a Igreja de Jesus e revive as velhas tentações de se transformar numa elite intelectual ou moral». De modo que, para Francisco, a Igreja deve afastar-se do centro, de Roma e do Vaticano, da pompa e circunstância da burocracia eclesial. Há duas imagens opostas da Igreja, proclama este papa da intempérie e da periferia, «a Igreja evangelizadora que sai de si, ou a Igreja mundana que vive em si, de si e para si». A segunda imagem é catastrófica, pensa Francisco; a primeira, redentora. Por isso, Francisco, que um dia quis ser missionário, reivindica o ímpeto missionário da Igreja, a sua vocação de «ir ao encontro do outro nas periferias, que são lugares, mas são, sobretudo, pessoas necessitadas».

Não se pode dizer que, pelo menos neste ponto, Francisco não pratique com o exemplo. Mesmo antes de aceder ao papado, quando era arcebispo de Buenos Aires, Bergoglio era muito menos conhecido no norte da cidade, onde prospera a classe alta e média portenha – na Recoleta, em Palermo, em Belgrano ou em Olivos –, do que nas chamadas «vilas miséria», os bairros de lata dos arredores onde passava os fins de semana a percorrer as ruas, a dar palestras, a confessar, a entrar nas casas, a comer, a beber e a conversar aqui e ali com os moradores. Fruto desse relacionamento, em agosto de 2009,

Bergoglio criou um organismo dedicado a prestar ajuda nos bairros pobres: o Vicariato Episcopal para a Pastoral dos Bairros de Emergência. Isto explica o facto de, nessa altura, o primeiro coordenador desse organismo assistencial, o padre Di Paola, garantir que, para o futuro papa, «o centro de Buenos Aires não é a plaza de Mayo, onde reside o poder, mas as periferias, os arredores da cidade»; também explica a razão pela qual, poucos meses antes de ser eleito papa, Francisco declara que o problema da Igreja é ter-se fechado em si própria, ter-se tornado comodista, autocomplacente e mundana, e essas facilidades a terem conduzido ao desencanto. «Temos Jesus preso na sacristia», afirmou Bergoglio. É preciso libertá-lo, dizia, tirá-lo de lá e levá-lo para os arredores, o único lugar que permite não só «ver o mundo tal como é», mas também «descobrir um novo futuro».²

Este é o discurso de renovação a que, em 2013, Bergoglio dava corpo na Igreja, o mesmo promovido pelos cardeais ao sentá-lo na cadeira de São Pedro: em 2013, Bergoglio era o líder da Igreja na América Latina, um continente periférico onde o catolicismo ia

encontrando o seu novo futuro. Prova disso é que, então, contava com quarenta e um por cento do número total de católicos: 483 milhões de entre mil e duzentos milhões. Talvez ninguém fosse mais consciente das razões que levaram a que fosse eleito do que o próprio Bergoglio, e por isso foram estas as palavras que pronunciou na varanda da Basílica de São Pedro: «Irmãos e irmãs, boa tarde. Como sabeis, o dever de um conclave é dar um bispo a Roma. Parece que os meus irmãos cardeais o foram buscar quase ao fim do mundo.» Também poderia ter dito que o foram buscar à periferia.

Portanto, para o Papa Francisco, a viagem à Mongólia não é uma exceção: é a regra. Francisco viaja para lá a fim de encontrar um futuro novo e de ver o mundo como é, a partir do único lugar onde, no seu entender, se pode ver: a periferia, o fim do mundo. Francisco parte para a Mongólia para continuar a ser Francisco.

² Francisco insistiu incansavelmente neste ponto. Numa entrevista concedida a *La News*, uma popular revista digital concebida num bairro de lata de Buenos Aires chamado La Cárcova, Bergoglio defendeu: «Quando falo de periferia, falo de confins. À medida que saímos do centro e nos afastamos dele, descobrimos mais coisas, e, quando olhamos para o centro tendo por base estas coisas novas que descobrimos, estes novos lugares, estas periferias, vemos que a realidade é diferente. Uma coisa é observar a realidade a partir do centro e outra é vê-la a partir do último lugar a que chegámos. Por exemplo: a Europa, vista a partir de Madrid no século XVI, era uma coisa; mas quando Magalhães chega ao fim do continente americano, olha para a Europa de um novo ponto atingido e compreende outra coisa.» Em *L'atlante di Francesco. Vaticano e politica internazionale* (Feltrinelli, Veneza, 2023, pp. 64-67), Antonio Spadaro afirma que, a avaliar pelos itinerários das suas viagens, o olhar de Bergoglio é precisamente o de Magalhães, e que a sua prática de escolher cardeais periféricos «tem como objetivo reanimar a circulação do próprio corpo da Igreja». Spadaro acrescenta que as viagens do papa a lugares conflituosos – Lampedusa, Auschwitz, Belém, Coreia do Sul, Sarajevo, Cuba, Sri Lanka ou a fronteira entre o México e os Estados Unidos – procuram ter uma dimensão terapêutica. «O papa viaja para tocar nas feridas e para pôr a sua mão sobre essas feridas, como Cristo pôs a mão sobre as feridas de então», escreve Spadaro. «Este é o sentido profundo da diplomacia da misericórdia.» Por outro lado, Bergoglio foi buscar a intuição de que se pode compreender melhor o mundo vendo-o da periferia e não do centro a Amelia Lezcano Podetti, uma filósofa argentina que conheceu em 1970, e ao teólogo uruguaio Alberto Methol Ferré, um dos principais impulsionadores da chamada Teologia do Povo, corrente antimarxista, ou não marxista, da Teologia da Libertação, onde Bergoglio vai beber ou com a qual em grande parte se identifica.